Espaço e economia, tempo e valorização : rumo a uma geografia econômica impreterivelmente humana

Guilherme Ribeiro

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/124>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.124

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Referência eletrônica

Guilherme Ribeiro, « Espaço e economia, tempo e valorização : rumo a uma geografia econômica impreterivelmente humana », *Espaço e Economia* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 21 janeiro 2013, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/124> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.124>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.

© NuPEE

Espaço e economia, tempo e valorização : rumo a uma geografia econômica impreterivelmente humana

Guilherme Ribeiro

- 1 O segundo número da *Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica* acena com múltiplos temas, abordagens e escalas, explorando de maneira bastante fértil as inúmeras possibilidades contidas neste sub-campo — e, conseqüentemente, ampliando a esfera de atuação da própria Geografia Humana.
- 2 De Buenos Aires ao Rio de Janeiro e de Ribeirão Preto a Itaboraí, passando pelo território brasileiro como um todo, são discutidas as novas formas de organização coletiva do trabalho em tempos de reestruturação produtiva e neoliberalismo; o surgimento do futebol como atividade econômica e seus nexos com os transportes e a urbanização; a relação entre os financiamentos públicos e a concentração/desconcentração regional; a valorização mercantil da natureza e suas funções na constituição urbana; os limites da expansão capitalista e o papel do espaço; os dilemas envolvendo formação profissional e mercado de trabalho.
- 3 Em 1979, o historiador francês Fernand Braudel nos deixou uma lição que, ao que parece, demorou três décadas para ser compreendida em sua plenitude. Em *O tempo do mundo*, volume final da soberba trilogia *Civilização material, economia e capitalismo*, lê-se:
“O espaço, fonte de explicação, põe em causa, ao mesmo tempo, todas as realidades da história, todas as partes envolvidas da extensão: os Estados, as sociedades, as culturas, as economias... E, conforme escolhamos um ou outro destes conjuntos, modificar-se-ão o significado e o papel do espaço. Mas não inteiramente.”
(BRAUDEL, 1979, p.12).
- 4 Economistas, historiadores e geógrafos integrantes desta edição executaram suas pesquisas não em nome de paradigmas disciplinares — notadamente insuficientes —, mas sim tendo em vista a *relevância do espaço na compreensão da história*. História, aqui,

entendida enquanto a vida humana em geral, com os processos políticos, sociais e econômicos que a constituem. Neste âmbito, o espaço, o território, o regional, o urbano, o bairro e a natureza são *estruturas*, realidades modificáveis no decorrer do tempo, porém lentamente. Elas atravessam gerações portando consigo as marcas do passado, as intervenções do presente e as utopias para o futuro.

- 5 Assim, se a fábrica deixou de existir, desfazendo a identidade operária que amalgamava os trabalhadores, o *bairro* persiste enquanto escala de reprodução da vida cotidiana, e é exatamente a partir dele que surgirão novas formas de cooperação sócio-econômica. Desta forma, o artigo *Movimentos sociais, periferia e formas de dominação: dois estudos de caso de economia política e território em Buenos Aires*, de Javier Ghibaudi — professor do Departamento de Economia da UFF —, põe em xeque conceitos como *exclusão social* e *segregação territorial*, atentando para o fato de que “o bairro da ação organizada, longe de refletir a organização oficial, é uma territorialização construída pelos sujeitos destas ações” (GHIBAUDI, 2013).
- 6 Por sua vez, em *Políticas territoriais com financiamento públicos. O BNDES a serviço de quem?*, Gilberto Oliveira da Silva Jr. incorpora todo o território brasileiro em sua investigação sobre o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Manejando com habilidade informações quantitativas e análise qualitativa, ele revela a dificuldade do Banco para efetivar a operação de desconcentração regional. Resultado da dissertação de mestrado *BNDES: importante ordenador do território brasileiro* (SILVA JR., 2004), sua conclusão deve interessar aos estudiosos da economia brasileira: a maior parte do total dos financiamentos do BNDES serviram apenas para aprofundar a hegemonia da Região Sudeste no interior da divisão territorial do trabalho no país (SILVA JR., 2013).
- 7 Sim: o espaço é revelador e, por que não dizer, reprodutor de desigualdades. Longe de ser algo neutro, tal como a maioria das Ciências Humanas quis supor durante o século XX (vide SOJA, 1993 [1989]), ele é parte integrante da dinâmica de funcionamento do capitalismo, ensina-nos Maurílio Botelho, professor do Departamento de Geociências da UFRJ. Em *Desenvolvimento, espaço e crise estrutural*, ele promove uma análise introdutória acerca dos limites da expansão do desenvolvimento capitalista, resgatando tanto autores clássicos como Sweezy e Lênin quanto estudiosos da dinâmica atual do capital como Harvey e Brenner. No seio deste debate, Botelho insere o papel do espaço e, a fim de refletir sobre as contradições do capitalismo, pondera:

“Desde a crise da década de 1970 o capitalismo não foi mais capaz de apresentar um novo ciclo de expansão. Mesmo a descrição da dinâmica capitalista em termos de ciclos não é mais válida, a não ser que estejamos nos referindo aos ciclos de bolhas especulativas. Dizer isso significa dizer que um ou outro país não possa crescer ou mesmo gerar empregos, mas esse crescimento é pontual, individualizado e deve ter explicações específicas – o que significa também que, em geral, mesmo essa geração de emprego pode ocorrer através da substituição de força de trabalho em outras regiões, pois o caso chinês é muito explícito quanto a isso” (BOTELHO, 2013).
- 8 Dialogando implicitamente com o texto acima, a problemática da formação profissional e sua íntima ligação com a criação de empregos foi abordada por Taís Ferreira, estudante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ. Tendo como base empírica a formação do maior investimento da história da Petrobras, o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ), localizado no município de Itaboraí, tem impactado profundamente seu entorno mesmo antes de sua inauguração. Focalizando seu objeto de pesquisa, em *Políticas de qualificação profissional no Leste Metropolitano*

fluminense ela escreve que “Um dos principais desdobramentos das políticas de emprego no Brasil nos últimos anos, diz ela, foi a implementação de políticas de qualificação profissional” (FERREIRA, 2013). Entretanto, uma vez que a reestruturação produtiva alterou sobremaneira a produção, a mão-de-obra e o consumo (vide ANTUNES, 2005 [1995]), nem sempre tais políticas significam emprego para os trabalhadores. Que fazer, então?

- 9 É sob uma perspectiva igualmente crítica que Marcos Antônio Silvestre Gomes, professor do Departamento de Geografia da UFF-Campos dos Goytacazes, interroga a criação de parques públicos no texto *A espacialização dos parques e a dinâmica da produção, apropriação e valorização do espaço urbano em Ribeirão Preto-SP*. Sob o rótulo “integrador” e “harmônico” dos discursos em prol do meio ambiente, o estabelecimento de áreas verdes ocorre precisamente nas áreas mais valorizadas da cidade, contribuindo para o encarecimento das mesmas e, logo, para a segregação urbana como um todo. Conforme Gomes, o interesse não recai sobre a questão ambiental por si só, mas vinculado diretamente aos aspectos político-econômicos. Articulado geografia urbana e geografia econômica, ele faz o seguinte alerta:

“o poder público municipal, ao criar e implantar espaços como parques e praças nos setores onde se localizam os interesses imobiliários, dirigidos às camadas de mais alta renda da cidade, contribui para o aumento do preço dos terrenos, loteamentos e edificações, consolidando o eixo sul-sudeste de Ribeirão Preto como uma área estrategicamente rentável do ponto de vista imobiliário. Neste eixo estão instalados os três shopping centers da cidade, equipamentos urbanos que contribuem para o aumento do preço do solo nestas áreas” (GOMES, 2012).

- 10 Compreender o urbano do presente passa, incontornavelmente, pela apreciação do passado: lição básica que muitos geógrafos fazem questão de negligenciar. Como entender qualquer fenômeno fora do processo histórico? Impossível! Nesse sentido, *Meios de transporte e dinâmica do futebol no Rio de Janeiro: a ocupação do espaço pelos clubes e ligas cariocas na Primeira República Brasileira*, de autoria do professor João Manuel Casquinha Malaia Santos (Universidade Nove de Julho), reveste-se de grande importância. Estamos diante de uma bela leitura da organização interna da cidade sob o prisma do futebol. O estabelecimento do campeonato carioca está ligado à integração urbana *lato sensu*; ele dependia da produção do espaço, isto é, transportes, energia, infra-estrutura, mobilidade, acesso aos clubes e, principalmente, dos torcedores, aos estádios. A origem elitista, os entraves econômicos e as barreiras sociais impostas pelos clubes da Zona Sul (Fluminense, Botafogo e Flamengo) eram, por si só, incapazes de constituir um campeonato. Foi necessária, portanto, a participação de clubes da Zona Norte e da Zona Oeste para sua efetivação.
- 11 Enfim, *Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica*, deseja cumprir sua missão: apresentar aos leitores trabalhos críticos, porém não dogmáticos. À luz de uma geografia econômica ampliada e renovada, apreender as manifestações culturais, políticas e ambientais da vida social. Questionar as fronteiras disciplinares, entendendo que a produção intelectual não deve impor limites ao pensamento e à reflexão.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 10ª ed. São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 2005 (1995).

BOTELHO, Maurílio. Desenvolvimento, espaço e crise estrutural. *Espaço e Economia. Revista Brasileira de Geografia Econômica*, ano I, n.2 (2013).

BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII. Volume 3: O Tempo do Mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (1979).

FERREIRA, Taís. Políticas de qualificação profissional no Leste Metropolitano fluminense. *Espaço e Economia. Revista Brasileira de Geografia Econômica*, ano I, n.2 (2013).

GHIBAUDI, Javier W. Movimentos sociais, periferia e formas de dominação: dois estudos de caso de economia política e território em Buenos Aires. *Espaço e Economia. Revista Brasileira de Geografia Econômica*, ano I, n.2 (2012).

GOMES, Marcos A.S. A espacialização dos parques e a dinâmica da produção, apropriação e valorização do espaço urbano em Ribeirão Preto-São Paulo. *Espaço e Economia. Revista Brasileira de Geografia Econômica*, ano I, n.2 (2013).

MALAIÁ, João Manuel. Meios de transporte e dinâmica do futebol no Rio de Janeiro: a ocupação do espaço pelos clubes e ligas cariocas na Primeira República Brasileira. *Espaço e Economia. Revista Brasileira de Geografia Econômica*, ano I, n.2 (2013).

SILVA JR., Gilberto Oliveira. *BNDES: importante ordenador do território brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFF (2004).

———. Políticas territoriais com financiamentos públicos. O BNDES a serviço de quem? *Espaço e Economia. Revista Brasileira de Geografia Econômica*, ano I, n.2 (2013).

SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (1993 [1989]).

AUTOR

GUILHERME RIBEIRO

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, com doutorado sandwich pela Universidade de Paris – Sorbonne (Paris IV). Pós-Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto do Depto. de Geociências da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: geofilos@ig.com.br